

n ã o
e s c r e v o
p o e m a s
d e
a m o r
c a m i l a d i ó

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Não escrevo poemas de amor

Nunca terminei qualquer poema de amor. Não que o tema me desinteresse, já até comecei alguns versinhos insossos, mas ficou tudo por fazer. Falo de poemas de amor romântico. Toda vez que começo a escrevê-los, penso numa roupagem adequada a eles. Visto, boto uns acessórios que a propósito, passo horas escolhendo, daí num arrombo de frustração arranco tudo e guardo. Tranco na gaveta à chave contrariadíssima. Desisto de levar para passear. E olha, alguns até diriam: – Mas você idealiza esse tipo de poema! E eu, de peito aberto e do alto de uma colina, altivamente bradaria: – É verdade!

No entanto, percebo que se um dia o fizer, na verdade quero-o nu. Um poema amoroso tão pleno em sua nudez que o exibicionismo chegue a doer as vistas – e a face vermelha. Procuraria descuidadamente pelas palavras mais cruas e viscerais. Com sorte, não encontraria é claro!

Mas às vezes a gente se lasca. Porque cedo ou tarde elas vêm ao nosso encontro, as palavras. Conheço-me. Acabarei quente

de sair fumaça. Fingindo que nem vi, continuaria andando e passaria direto. Produzindo no fim das contas um bando de estrofezinhas tímidas e abobadas, sabe? Dessas que ficam se olhando entre risinhos amarelos. E como elas fogem, não costuma sobrar uma para contar história.

Já as palavras verdadeiras, deixo ocupar algum lugar entre o sonho e os recantos mais profundos deste meu tolo coração tímido (e talvez covarde), onde os versos – não importa quais sejam – correm livres como cavalos selvagens.

A Poesia é

Um suspiro de alívio ante uma solução importante,
O Zéfiro que ergue pipas e balões ao céu distante,
O vento que provoca as ondas agitando as tempestades,
Uma lufada longa e fresca num dia quente na cidade,
A rajada que impulsiona barcos, arrebatando flores e desalentos,
O sopro que varre a poeira dos momentos de esterilidade,
É a brisa em dança e prosa com mensageiros e cataventos,
O ar quente que amolece o corpo e inebria os pensamentos.
E é por isso meu amigo, que algo importante tenho
aprendido:
Se me afogo em metáforas, a valorizar quando respiro!

Cidade Nua

As flores na campina dançam,
Com beija-flores serpenteiam
E o vento vai desnudando a terra
Que goza em frenesi o dia inteiro.

O aroma que do chão desprende,
Embriaga as colinas verdejantes
Que beijam o céu laranja-fim-de-tarde
Num confuso baile entre amantes.

Se espiares de mansinho a janela
Antes do descortinar da noite,
Verás em êxtase o obsceno
Pôr do sol de Belo Horizonte!

Neurocirurgia

Bisturi, Pinça! Todo o aparato médico, por gentileza.
Preparo a sala de cirurgia, visto o avental.
Abro agora o crânio com truculência,
Lutando para não passar mal.

Antes de iniciar, checo o vão resultado
Da investigação entre as células nervosas,
Com suas sinapses fofoqueiras,
No momento, em polvorosa.

Certo. Último procedimento, pouco mais invasivo.
Com as mãos protegidas em luvas assépticas
Reviro, já quase apoplética,
as miudezas nas entranhas deste cérebro convulsivo.

Mais morfina! Imploro ao enfermeiro.
Rápido, por favor!
Pois não há quem aguente a dor,
de assim, desfolhar a mente

vasculhando com perseverança
tendo um propósito tão pouco exigente:
Reaver uma gota somente, de esperança.
O restante persistente.

Fantasia

Pela janela a lua deslumbrante distinguia
as nuvens veladas por mistérios e enlevos
das estrelas sisudas que me censuravam arredias,
desvendando dos meus olhos os segredos.

Num cenário feérico envolvido pela névoa
me escorei na janela a ter delírios
Enquanto de libélulas e vaga-lumes a ilusão povoa
o surreal reflexo da paisagem na lagoa.

Avistei a lua ao longe, tão exuberante!
E digo que nunca me senti tão safista,
Admirando-a toda naquele instante
almejando dormir com ela e depois vesti-la

Recitaria à circunstante as poesias
que fiz entediada nessa vida agoniante.
Fantasia de mulher inspirada e pouco lúcida
desejosa em ter a lua como amante.

Dentro de um baú

Desenterrei o meu tesouro:
Um baú de flores mortas
cada uma, uma lembrança
escondida nos recantos
mais profundos dessa
minha mente, às vezes mórbida.

pego docemente cada flor
– que não tem mais cor
– que não tem mais cheiro
que se desintegram em minhas mãos,
que escapam por entre meus dedos

e dou lugar a outras flores
para que sequem ou apodreçam
dentro do baú que é de memórias
e também de recomeços.

Nenhum outro destino está reservado
para uma flor colhida.
Pois jamais espera em sua morte
ser mais bonita do que foi em vida!

Cor de roça

A face dum suado rosa
que destoava do céu duro, cinza passeio.
O rio que falava num tom escurecido e vítreo
com as árvores verde macio em delineio.

As estradas batidas dum vermelho seco
com suas cercas de um marrom descascado,
as vacas: brancas leitosas, castanho mole
preto lascado!

Vestia um roxo amassado,
e calçava um bege surdo que fazia par
com a calça de um mesclado rouco.
A poeira na roupa era cor de sujo
não sei se vermelho, preto ou acinzentado.
A enxada firme tingida de antigo.
A rede xadrez de surrado e desbotado.
A casinha ao longe acenava laranja amigo.

A espiga nova distinguia
um amarelo cremoso
do pasto fresco esverdeado
e havia o colorido tenso do cascalho
e o formigueiro que ostentava um pardo airoso.
Um belo quadro composto
de uma tarde cor de trabalho.

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em abril de 2020.
